Tema 3 - *Whatsapp*, autoria e prática docente
**Diário online no *Whatsapp*: *app-learning* em contexto de
pesquisa-formação na cibercultura**

Alexsandra Barbosa
Edméa Santos
Mayra Ribeiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARBOSA, A., SANTOS, E., and RIBEIRO, M. Diário online no *Whatsapp*: *app-learning* em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons* [online]. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, pp. 235-256. ISBN 978-85-232-2020-4. <https://doi.org/10.7476/9788523220204.0013>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

DIÁRIO *ONLINE* NO *WHATSAPP*: *APP-LEARNING* EM CONTEXTO DE PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

Alexsandra Barbosa – UERJ

Edméa Santos – UERJ

Mayra Ribeiro – UERN

Introdução

A cultura contemporânea tem proporcionado diferentes usos das tecnologias móveis no âmbito da educação, tais como a utilização de celulares, *smartphones* e *tablets* na pesquisa e na formação de professores. Os aplicativos têm possibilitado situações de aprendizagem nas quais os sujeitos interagem e aprendem em mobilidade e ubiquidade, possibilitando, assim, novos modos de produção de saberes.

Neste cenário, ao articularmos essas tecnologias com a pesquisa-formação na cibercultura, o *App-Learning*, modo como chamamos os *saberesfazer*es¹ provenientes do uso de aplicativos nos processos de *aprendizagemensino*, também pode ser utilizado nas pesquisas como dispositivos que registram por meio da escrita, da fotografia, de áudios e de vídeos o que é vivenciado na pesquisa. Refletindo sobre esses usos, o aplicativo *WhatsApp Messenger* foi utilizado como diário *online*

1 Inspirados em Alves (2008), as pesquisas cotidianistas utilizam essa forma de escrita com os neologismos como *dentrofora*, *saberesfazer*es, *espaçotempo*, etc., para marcar a ruptura com a dicotomização da concepção de ciência moderna.

no processo formativo de uma pesquisa-formação na cibercultura no contexto do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura² (GPDOC).

Os praticantes culturais na cibercultura utilizam as tecnologias da web 2.0 com os mais variados propósitos interativos: discussões de temáticas atuais do cotidiano, compartilhamento de momentos pessoais, informações acadêmicas, produção e divulgação de textos, vídeos, fotos, bate-papo, entre outros. A sociedade em rede se integra ao cotidiano, ligando o mundo real ao virtual com tanta intensidade que essa distinção, principalmente na geração mais jovem, deixa de fazer sentido (AMANTE, 2014).

Nesse contexto, o diário *online* se constitui em um dispositivo potencializador do dizer da formação e da pesquisa em processo de sua tessitura, possibilitando o registro de narrativas digitais possíveis de serem revisitados, ressignificados e publicizadas a partir da bricolagem com a pluralidade de vozes que habitam o espaço na relação com as inspirações epistemológicas e metodológicas de opção do pesquisador. Mediação, problematização, colaboração, reflexão, interação, autoria, alteração e (trans)formação são algumas das noções que atribuímos sentido, quando produzimos dados da pesquisa-formação junto com outros praticantes culturais nas redes digitais, no caso específico, no Aplicativo *WhatsApp Messenger*.

Na itinerância formativa do grupo de pesquisa em docência e cibercultura da UERJ, atualizamos o método da pesquisa-formação na cibercultura sempre que habitamos com intencionalidade de pesquisa os ambientes on-line. Nossa tessitura metodológica se inova a cada pesquisa em um processo de criação de dados em/nas redes (SANTOS, 2014) junto com os coautores, produtores de sentido por meio de narrativas digitais escritas, orais e em imagens.

Propomos neste texto pensarmos sobre as possibilidades de usos do dispositivo *WhatsApp Messenger* como diário on-line em um

2 Sites do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura <www.docenciaonline.pro.br> , <www.proped.pro.br> .

espaçotempo de produção de narrativas digitais instigadas por diálogos plurais, interatividade, colaboração e ampliação dos sentidos de si, pesquisador autoformador, e dos sentidos da/na relação com os outros sujeitos coautores.

Cordel do *WhatsApp*

por Izabel Nascimento

Esse tal de “Zap Zap”
É negócio interessante
Eu que antes criticava
Hoje teclo à todo instante
Quase nem durmo ou almoço
E quem criou esse troço
Tem uma mente brilhante.
Quem diria que um dia
Eu pudesse utilizar
Calculadora e relógio
Câmera de fotografar
Tudo no mesmo aparelho
Mapa, calendário, espelho
E telefone celular
E agora a moda pegou
Pelas “Redes Sociais”
É no “Face” ou pelo “Zap”
Que o povo conversa mais
Talvez não saiba o motivo
Que esse tal de aplicativo
É mais lido que os jornais.
Eu acho muito engraçado
Porque muita gente tem
Um Grupo só pra Família
Um do Trabalho também

E até aquele contato
Que só muda de retrato
Mas não fala com ninguém!
Tem o Grupo da Escola
O Grupo da Academia
Grupo da Universidade
O Grupo da Poesia
Tem o Grupo das Baladas
Das Amigas Mais Chegadas
E o da Diretoria.
Tem quem mande Oração
“Bom dia!”, de vez em quando
Quem só mande figurinhas
Quem só fique reclamando
Nos Grupos é que é parada
Dia, noite, madrugada
Sempre tem alguém teclando.
Cada um que analise
Se é bom ou se é ruim
Ou se a Tecnologia
É o começo do fim
Talvez um voto vencido
Porém o Zap tem sido
Até útil para mim.
Eu acho que a Internet
É uma coisa muito boa
Tem coisas muito importantes
Porém muita coisa à toa
Usar de forma acertada
Ou, por ela, ser usada
Vai depender da pessoa.
Comunicação é bom
Vantagens que hoje se tem

Feliz é quem tem amigos
Fora das Redes também
A vida só tem sentido
Quando o que é permitido
É aquilo que convém.
Pra quem meu verso rimado
Acabou de receber
Compartilhe esta mensagem
Que finaliza a dizer:
“Viva a vida intensamente
Porque é pessoalmente
Que se faz acontecer!”

Diário *online* como dispositivo para *App-learning*

O diário é fundamental para as pesquisas qualitativas tendo em vista o caráter subjetivo estabelecido entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Historicamente, a técnica do diário de itinerância³ foi importada da etnologia, que é um ramo da antropologia que estuda os povos e sua cultura. Os diários que inicialmente possuíam apenas um “caráter íntimo” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014) passaram a fazer parte da metodologia de pesquisa utilizada por antropólogos ao fazerem uso dos “diários de campo” em seus estudos.

Para Barbosa e Hess (2010, p. 73, grifos nossos), o diário pode assumir diferentes tipos:

Diário de formação: quando se propõe a registrar o próprio processo formativo vivenciado no decorrer de um curso seja de graduação, pós-graduação ou outro;

3 Trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra – clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal. Bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida (BARBIER, 2002, p. 133)

Diário pessoal: quando o objetivo é registrar tudo o que se refere a sua própria vida ou como rebate dentro de si o vivido, seja da ordem da saúde, das emoções, das questões existenciais e filosóficas;

Diário de pesquisa: quando o objetivo é registrar o caminho percorrido, ao desenvolver uma pesquisa como TCC, dissertação de mestrado ou tese de doutorado.

Todos eles têm o objetivo de registrar e organizar situações vividas pelo sujeito em seu cotidiano. Zabalza (1994, p. 96) discute sobre a implicação pessoal daquele que realiza seu diário no qual “o diário é antes de tudo alguma coisa que alguém escreve de si para si mesmo: o que se conta tem sentido, unicamente para aquele que é ao mesmo tempo autor e principalmente destinatário da narração”. Sendo assim, é no diário que traduzimos em imagens, sons e narrativas nossas impressões imediatas que posteriormente se tornarão alicerces para a compreensão do que foi vivido.

Os diários em uma perspectiva multirreferencial, nossa opção epistemológica de pesquisa, possibilita uma “leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referenciais distintos, considerados e reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos” (ARDOINO, 1998, p. 24). Essa perspectiva plural e heterogênea realizada pelo pesquisador em seus diários ocorre quando em seu trabalho há uma confluência entre os registros contidos nos diários de formação, pessoais e de pesquisa, proporcionando uma aprendizagem que considera a complexidade das situações vividas. Nesse sentido, o diário é um dispositivo favorável a uma postura de um pesquisador multirreferencial e implicado com/no processo de auto-hetero-ecoformação

Inspiramo-nos em Pineau (apud MACEDO, 2010, p. 67), para pensarmos e fazermos pesquisa implicados com essas três im-

bricadas e distintas dimensões da formação; a autoformação nos diz respeito a nossa própria “condição de seres que interpretam, filtram o mundo e reconstroem incessantemente, e que, ademais sabem/sentem, que algumas experiências da compreensão irrompem também fora das lógicas cognitivas da construção que conhecemos”. Envolve processos de conhecer a si, a autocrítica e autonomização, na perspectiva de uma formação para/na alteridade.

A heteroformação nos coloca na condição de seres em relação, ou seja, a aprendizagem é, por natureza, relacional. Forma-se, assim, um contato permanente consigo, com o outro e com o mundo numa ambiência de diversidade e heterogeneidade ineliminável. A ecoformação envolve a relação entre o humano e o ambiente. É na dinâmica entre a auto-hetero-ecoformação que entendemos estar a complexidade da trans(formação).

Na pesquisa-formação, o ato de pesquisar está intrinsecamente relacionado com o processo de formação do professor/pesquisador; portanto, uma experiência de cunho pessoal pode enriquecer e agregar sentidos para a compreensão do objeto de estudo.

Seja ele escrito, fotografado ou filmado, o diário torna-se um dispositivo⁴ fundamental para a autoria nos trabalhos científicos, pois ao narrar a pluralidade de saberes e sentidos existentes no universo de práticas, experiências e teorias que vivemos ao pesquisar, ampliamos nossas reflexões e desenvolvemos saberes que potencializam nossa escrita e nossa possibilidade de ampliação de um olhar para a complexidade do objeto de estudo, no qual, como pesquisadores, estamos incluídos.

O ato de dialogar com nossas experiências formativas, por meio dos diários, oportuniza não somente um processo de autoria na escrita de textos acadêmicos, mas também de uma re-escrita

⁴ Essa noção de dispositivo aqui usada é de Ardoino (2003, p. 80) que conceitua dispositivo como “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”.

de nós mesmos, das nossas ideias e sentimentos, transformando-os continuamente a cada vez que reescrevemos nossas narrativas.

O pesquisador, na pesquisa-formação, que faz uso do diário enriquece sua formação teórico-prática-existencial, em uma relação híbrida resultante da relação entre razão e subjetividade. Reflexão e reflexividade se complementam na tessitura de uma itinerância⁵ que se permite registrar impressões, angústias, desejos, aprendizagens e questionamentos como extensão de sua memória no campo de pesquisa com os praticantes culturais⁶. No entanto, o diário não serve apenas para preservar as memórias do objeto de estudo; uma vez que, ao relatar, ao conversar e detalhar, também nos tornamos parte do campo de pesquisa (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 273-274). Nele nossas escolhas e interpretações estão impressas.

Assim, como nos tornamos parte do campo no qual estamos “mergulhados” (ALVES, 2008), igualmente pertencemos a um contexto histórico e social que atualmente é marcado pelo uso de tecnologias móveis situados na cultura contemporânea mediada pelo digital em rede em mobilidade e ubiquidade, isto é, na cibercultura.

Isto significa que a cibercultura na pesquisa e formação de professores cria possibilidades interativas e hipertextuais devido à potência trazida pela linguagem digital, que revoluciona as formas de registro e de comunicação entre os indivíduos. Diante disto, os diários passaram a ocupar não apenas o suporte material em cadernos e blocos de anotações, mas, o suporte digital, por meio de blogs, redes sociais e aplicativos, que além da escrita registram fotos, áudios e vídeos do que é vivenciado.

A mobilidade e a ubiquidade trazidas pelo digital em rede por meio dos aplicativos disponíveis para dispositivos móveis

5 Itinerância “representa um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira, inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo” (BARBIER, 2002, p. 134).

6 Termo usado por Certeau (2014) para aquele que vive as práticas/táticas cotidianas.

(smartphones e tablets) ressignificam os *espaçotempos* plurais de aprendizagem proporcionando novos desafios e dinâmicas educacionais aos processos de pesquisa, ensino e aprendizagem. Chamamos esses processos provenientes de *saberesfazer* por meio do uso de aplicativos por docentes e discentes de *App-learning* (SANTAELLA, 2016).

Dentro do universo de *Apps*⁷ existentes nas lojas de aplicativos *online*, alguns nos dão a possibilidade de, ao utilizá-los, realizarmos práticas interativas e hipertextuais na pesquisa-formação na cibercultura. Essas práticas com aplicativos têm estabelecido novos modos dos indivíduos se autorizarem e se comunicarem, por exemplo, por meio dos diários *online*.

Temos, estabelecendo uma relação entre a prática do diário *online* interativo e hipertextual com *Apps* e a obra Parangolé de Hélio Oiticica, a noção de que:

Rompe com o modelo comunicacional baseado na transmissão. E é pura proposição à participação ativa do ‘espectador’ - termo que se torna inadequado e obsoleto... Oiticica quer a intervenção física na obra de arte e não apenas a contemplação imaginal separada da proposição. O fruidor da arte é solicitado à ‘complementação’ dos significados propostos no Parangolé. E as proposições são abertas, o que significa convite à co-criação da obra. (SILVA, 2010).

Consideramos que o processo autoral para realização de um trabalho científico, apoiado pelo uso de diários *online*, pode ser entendido como uma obra aberta. Um livro, um artigo, uma dissertação ou tese é um convite à cocriação, pois servirá para que outros autores dialoguem e intervenham, criando novas ressonâncias, novas autorias. O leitor de um trabalho científico não é um “mero

7 O termo ‘*App*’ em português significa aplicativo, que são programas que podem ser baixados para o celular, por meio das lojas de aplicativos *online*.

espectador”⁸ (SILVA, 2014), ele pode propor criações outras, interferindo e não apenas contemplando.

Ao pensarmos em um diário *online* com interface interativa e hipertextual, que possibilitasse ao professor/pesquisador criar sua obra em mobilidade e ubiquidade em uma das pesquisas realizada pelo Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura (GPDOC), o aplicativo *WhatsApp* foi escolhido para ser nosso dispositivo multirreferencial sendo um dos nossos desafios explorar seu potencial para registros e narrativas de pesquisa.

O *WhatsApp* como diário *online*

O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo gratuito de mensagens instantâneas, chamadas por voz e vídeo para *Smartphones*. Ele foi criado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum e comprado em 2014 pela Rede Social *Facebook*⁹. Este ano atingiu mais de 1 bilhão¹⁰ de usuários no mundo.

Ao considerar as potencialidades desse aplicativo como dispositivo de relações intersubjetivas, de cocriação, de autoria e, conseqüentemente, de um agenciamento de saber-poder (SANTAELLA, 2013), apresentamos uma experiência do GPDOC ao fazer uso do *WhatsApp* como diário *online*, realçando as possibilidades de usos e registros autorais.

Do suporte físico para o suporte digital (digitalização)

Com o uso do aplicativo, o suporte – antes físico, como a página de um livro, por exemplo – passou a ser um material digital.

8 Silva (2014, p. 19) chama de *novo espectador* aquele que convive com “a máxima concentração de informações num mínimo espaço-tempo”, que dialoga e interfere nos conteúdos hipermediáticos e hipertextuais.

9 O *Facebook* é uma rede social que foi criada em 2004, por Mark Zuckerberg e atualmente é a rede social mais usada em todo o mundo.

10 <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>

Isto foi realizado pelo *WhatsApp* por meio de fotografia. O fato de digitalizarmos o material antes impresso proporcionou agilidade para localização dos registros do diário, facilitando a escrita de textos acadêmicos.

A materialização do livro em bits por meio do digital possibilita que o mesmo seja reproduzido, alterado e compartilhado em rede. A digitalização possibilita a prática de diálogo mais interativo, pela digitalização de sons, imagens e textos.

O digital conectado à internet potencializa ainda mais os processos de aprendizagem, para Santos (2014, p. 59) “o ciberespaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial de computadores, popularmente conhecida como internet”, a digitalização provoca mudanças sociotécnicas que permitem novas formas de aprendizagem e ensino.

Figura 1 – *Print* do Diário online no *WhatsApp* - trecho de livro

Fonte: *Print* de tela de Alexandra Barbosa (22/11/2016)

Compartilhamento de mídias da web (Hipertextualidade)

O hipertexto se constitui “em um conjunto de nós ligados por conexões. Estes nós ou links são elos entre textos e hipertextos que podem ser imagens, palavras, páginas ou outro hipertexto” (LÈVY, 1993, p. 33). Ao navegar na internet, realizando pesquisas,

leituras de artigos, visitando blogs, revistas científicas, conteúdos de redes sociais, jornais *online*, assistindo vídeos no *Youtube*, dentre outras mídias, os links podem ser encaminhados entre os participantes e servem de referencial de pesquisa no aplicativo.

O hipertexto possibilita ao leitor criar seus próprios caminhos de leitura, de aprendizagem, explorando a pluralidade de saberes e de fontes; deixando de estar preso, encerrado no que lhe é apresentado.

Figura 2 – *Print* do Diário *online* no *WhatsApp* - links e vídeos

Fonte: *Print* de tela de Alessandra Barbosa (16/10/2016).

Nessa lógica, os processos comunicativos e interativos se tecem rizomaticamente nas redes sociais digitais baseados nos princípios de reciprocidade, participação e compartilhamento.

Agrupamento de mídias (Plasticidade)

O digital em rede promove plasticidade, que é a forma de flexibilidade, adaptabilidade existente na forma de construção do conhecimento. O conceito de plasticidade é oriundo de estudos

neurocientíficos sobre a plasticidade sináptica, no qual grupos de neurônios assumem funções de outros, formando redes. Bruno (2010, p. 47) cita cinco características da plasticidade que podem ser ressaltadas no contexto sociocultural e tecnológico. São elas:

- a) flexibilidade: rompe com as barreiras que impediriam desdobramentos e integrações de ideias, de pessoas, de informações, de conhecimentos, de funções, pois cria trilhas de possibilidades e emergências;
- b) conectividade: possibilidade de interligação de temas e experiências, de modo a se desdobrar em outras conexões / ligações sem forma definida;
- c) integração: diferente de agrupamento, esta característica indica os processos decorrentes entre eventos plurais, não fragmentando ou excluindo grupos e contextos, mas criando elos de ligação;
- d) abertura: com sistemas de entradas e saídas múltiplas, em fluxo e em constante emergência, a plasticidade não possui uma organização ou estrutura pré-estabelecida - não são fixas;
- e) dinamicidade: como organismos vivos e em constante devir, os elos se interconectam e se integram (desintegram / reintegram), mas se re/constituem por meio de conflitos, assumindo funções, até aquele momento, inimagináveis.

O aplicativo *WhatsApp* organiza e separa os diferentes tipos de mídias (texto, imagem e som) que foram compartilhados de modo cronológico. Este deslocamento para que os arquivos sejam agrupados por tipo de mídia se deve à plasticidade do digital. Este movimento não seria possível se o diário fosse um caderno físico. A flexibilidade do diário *online* agrupa os fragmentos compartilhados e assim como um organismo vivo eles se desintegram e reintegram, criando suas ligações, enriquecendo o processo de registro e diálogo do autor com o material de pesquisa.

Figura 3 – *Print do Diário online no WhatsApp -junção de links e vídeos*

Links

Fotos e áudios

Fonte: Print de tela de Alexsandra Barbosa (16/10/2016).

Pesquisa semântica (Indexação)

O aplicativo possibilita a realização de pesquisas por palavras, expressões ou frases. No exemplo da figura 4, buscamos por “pesquisa-formação” e o *App* relacionou todas as mensagens que continham a expressão.

Navegar pelos diálogos pesquisados propõe uma leitura plural do objeto de interesse. Conseguimos encontrar e estabelecer relações entre conversas em grupo ou individuais sobre o assunto, possibilitando, desta forma, coautoria e diálogo.

A indexação é uma técnica que de acordo com Vieira (1988, p. 43) “condensa a informação significativa de um documento, através da atribuição de termos, criando uma linguagem intermediária entre o usuário e o documento”, essa indexação pode ser manual (realizada pelo homem) ou automática (realizada por programas de computador). No caso do *WhatsApp*, ela é realizada manualmente com a criação de hiperlinks.

Figura 4 – *Print* do Diário *online* no *WhatsApp* - Pesquisando por palavra

Fonte: *Print* de tela de Alexsandra Barbosa (16/10/2016).

Compartilhamento em rede (Interatividade)

A interatividade rompe com uma aprendizagem linear e se funda na cocriação por meio da liberação do polo de emissão, no qual a mensagem não está restrita apenas a um emissor.

Importante destacar que Silva (2014) diferencia interação de interatividade. Na interação o sujeito interage com o material disponibilizado para estudo, não há possibilidade de intervenção para cocriação, o conceito de aprendizagem está mais relacionado à autoaprendizagem. Para que exista interatividade é necessário que o sujeito intervenha fisicamente, que transforme e crie numa relação dialógica com seus pares. Para Silva (2010, p. 42):

Interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura. Exprime a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo presente

na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar.

Neste contexto interativo e hipertextual, a mobilidade e a ubiquidade proporcionam um novo processo de aprendizagem, pois se cria um novo modo de ler e navegar pela internet. Por meio de uma leitura hipermediática presente nos dispositivos móveis com as redes sem fios, espaços físicos e digitais se imbricam de tal modo que não há mais a percepção de acessarmos/entrarmos na internet, como ocorria com a internet discada. As informações disponibilizadas *online* podem ser cocriadas e compartilhadas.

O *WhatsApp* permite o compartilhamento em rede de todas as mídias e conversas produzidas no aplicativo. Os diálogos podem ser exportados para outros *Apps* que o usuário tenha instalado no *smartphone*; como, por exemplo, o *Evernote*, o *Telegram*, o *Dropbox*, o *Google Drive*, Gmail etc. Ao compartilhar em rede com seus aplicativos, é possível garantir cópias de segurança do diário *online*, além de permitir o diálogo e interatividade com outras pessoas em outras interfaces.

Figura 5 – *Print* do Diário *online* no *WhatsApp* - compartilhando documentos

Fonte: *Print* de tela de Alexsandra Barbosa (16/10/2016).

A escrita e a narrativa no aplicativo *WhatsApp*

Conforme Bakhtin (1997), em cada época de seu desenvolvimento, a língua é marcada por gêneros do discurso, estes gêneros podem ser orais e escritos. Levando em consideração a infinidade de gêneros – que dada à natureza humana é inesgotável – Bakhtin (1997) os divide em gêneros primários e gêneros secundários. Os primeiros são aqueles relacionados aos discursos do cotidiano, os mais informais. Já o segundo faz parte da escrita mais formal, como, os discursos científicos, os documentos oficiais etc. Podemos considerar que no diário *online* com *WhatsApp* o gênero seria primária, pois a linguagem ocorre de modo informal, imitando, muitas vezes, a oralidade na escrita do diarismo.

A literatura (secundária), conforme suas necessidades, busca na literatura popular (primária) gêneros do discurso falado-dialogado. No *WhatsApp* a escrita por vezes imita a linguagem oral por meio dos *emoticons* e das onomatopeias, figura de linguagem que imita o som, por exemplo, da risada (kkkk ou rsrs), de alívio (Ufa) ou de irritação (Grrr).

Estes códigos linguísticos propiciam maior interatividade nas narrativas do diário *online*. Os *emoticons* do *App* colaboram para expressar as emoções dos momentos vividos na pesquisa.

Figura 6 – *Print* de interação no Diário *online* com *WhatsApp* – conversa escrita comigo

Fonte: *Print* de tela de Alessandra Barbosa (28/11/2016).

No aplicativo a “construção de sentidos é multimodal, ou seja, os sentidos produzidos pelo modo convencional da escrita aliam-se aos modos orais, gestuais e visuais possíveis, transparecendo o sujeito de linguagem social, cultural, constituído historicamente” (BARBOSA, 2010, p. 12). O aplicativo permite diálogos textuais, por voz e a conversão da voz em texto. Assim, podemos utilizar tanto o recurso da conversa escrita quanto a narrativa por voz.

Para Bakhtin (1997) há um processo de formação no qual os gêneros primários se transformam em gêneros secundários, por exemplo, a linguagem utilizada no diário *online*, posteriormente, pode tornar-se uma linguagem própria de um artigo científico, a natureza do enunciado é diferente, mas a essência é a mesma, mudando a relação estabelecida com o leitor ou interlocutor.

Além de apresentarmos esses usos e possibilidades realizadas com o diário *online* por meio do *WhatsApp*, é interessante mencionarmos que nos diálogos consigo mesmo não há necessidade de conexão à internet, estando assim o aplicativo disponível a qualquer momento para a utilização de áudios e textos. A conexão com a internet somente será necessária ao compartilhar arquivos e links da *web*. Além disso, o aplicativo também está disponível para acesso pelo desktop.

Conclusão

Até chegarmos ao *insight* de utilizarmos o *WhatsApp* como diário *online*, muitas questões pairaram sobre como potencializar uma escrita autoral e interativa. Uma vez imersos na cibercultura e fazendo uso de tecnologias móveis, quais dispositivos poderiam colaborar para uma pesquisa-formação na cibercultura com *App-learning*? De que modo estes se tornam interativos e hipertextuais, enriquecendo o processo formativo e autoral do pesquisador?

A mobilidade e a ubiquidade têm contribuído para borrar as fronteiras entre informação e aprendizagem, uma vez que, para

além da informação disponível a toda hora, há troca, há relação, condição para a ampliação e resignificação de sentidos inerente a todo processo de aprendizagem. No entanto, nossa experiência de pesquisadoras-praticantes na cibercultura tem nos mostrado que o uso de aplicativos e/ou redes sociais como dispositivos que intencionam ser *espaçotempo* de autoria, diálogo de saberes plurais e de multiletramentos, potencializam a formação de todos os praticantes envolvidos na pesquisa-formação (RIBEIRO, 2015; SANTOS, 2005, 2014).

É certo que muitas questões ainda estão em curso, em mutações e passíveis de ainda não terem sido respondidas até aqui. No entanto, a experiência de ter o *WhatsApp* como diário *online* tem mostrado que nós – enquanto praticantes culturais – podemos criar estratégias formativas, fazendo uso das interfaces digitais dos *Apps* para tornar ainda mais fecundo o processo de pesquisa-formação na cibercultura.

Acreditamos que a prática de diários de pesquisa *online* por meio de *App-Learning* potencializa a pesquisa e a formação, criando e compartilhando narrativas interativas e hipertextuais. Por esse motivo o grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC – www.docenciaonline.pro.br) tem explorado o uso de aplicativos em suas pesquisas por perceber suas possibilidades de registro que desenvolvem e articulam uma escrita implicada e autoral.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petropolis: DP, 2008. p. 39-77.

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades. Contributos da investigação. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.).

Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: Eduepb, 2014.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In. BARBSOSA, J. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: EdUFSCar, 1998. p.24-41.

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista.** Brasília, DF: Plano, 2003.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa:** o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. **Estética da Criação Verbal,** São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BRUNO, Adriana Rocha. Aprendizagem em ambientes virtuais: plasticidade na formação do adulto educador. **Revista Ciências & Cognição,** v. 15, p. 43-54, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n1/v15n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 22.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 24, 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei **Compreender/mediar**: o fundante da educação. Brasília: Liber livro, 2010.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane Paris et al. **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 273-274.

NASCIMENTO, Izabel. Cordel do Whatsapp (Esse tal de Zap Zap). YOUTUBE. 28/01/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5zdsnoBdFU0>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. **A sala de aula no contexto da cibercultura**: formação docente e discente em atos de currículo. 2015. 207f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro –, Rio de Janeiro, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulos, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Prefácio. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **App-learning**: experiências de pesquisa e formação. Salvador: Edufba, 2016. p. 7-10.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Portugal: Whitebooks, 2014.

SILVA, Marco. Pedagogia do Parangolé. **EAD ONLINE**. Disponível em: <<http://www.serfran.pro.br/interatividade.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VIEIRA, Simone Bastos. Indexação automática e manual: revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 43-57, jan./jun. 1988. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12901/1/ARTIGO_IndexacaoAutomaticaManual.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de aula**: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Tradução José Augusto Pacheco. Portugal: Porto, 1994.